


ELES QUE NÃO
GANHAVAM DOCES
ELIZANDRO
TODESCHINI

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2022

Prólogo



Contarei só aquilo que ouvi da boca dele. Talvez floresça um pouco, porque causo bem escrito sempre ganha algum enfeite e minha condição atual ainda não conseguiu arruinar a instrução mediana que um dia recebi. Ele entrou tão manso na cela, pensei até que fosse mudo o infeliz. Depois, por precisão, desatou a narrar coisas da sua vida. Vida miserável, nem mais reclamo da minha, agarro algum ensinamento da desgraça alheia. Gastei boa atenção na escuta, só pisquei o necessário, os olhos também gravam as palavras recebidas. O silêncio se aproxima sem pressa alguma de partir quando o final anunciado desconhece felicidade, foi assim que aconteceu. Não mais do que um punhado de dias e ele desapareceu completamente, esquisitice assim sempre me intrigou. Acordei numa manhã

qualquer e já tinham até desinfetado seu leito, apagado seus sinais humanos, é claro que tenho meus palpites. Voltei à solidão de sempre. Sobraram as memórias do melhor retalho da sua história.

Inferno I



O barulho do disparo a entrar pelos seus ouvidos como brocas que furam e consomem. Um estampido estúpido. Rompia-se o silêncio de um momento feliz, abriam-se as portas do inferno. Seus olhos correram para ver o que nunca pensou que veria. Junto, o cheiro da pólvora, do chumbo, dos gases acionados pelo ferro que o homem criou, maldade pura materializada num objeto único. O irmão caído no centro do cubículo de madeira, seu sangue inundando tudo, os respingos nas tralhas de roça que antes nem se sabiam ali. Tomado ao colo, acudido com o afeto de sempre. Gemido final. A vida se esvaindo é coisa dura de ver. Nada mais dura.

O mundo com a nossa idade



Vitinho tem medo do escuro, pai. Disse à porta do quarto enquanto via o homem bufar sem paciência. Cansado da lida, braços latejando o peso do arado, sono tão pesado quanto a vida de colono. Leve ele pra sua cama, abrace com força, você também teve mania de dar nervo. Ele pega o irmão choroso pelo braço e leva para a cama de solteiro sabendo que nunca mais dormiria esparramado, que passara a ter responsabilidade diferente. Apertado, bem coberto, Vitinho adormece, pai, era certa sua ordenança, resolvo isso pro senhor todas as noites se assim quiser, pra poupar seu sono pesado. O medo some quando sente cheiro de união, pai. É irmão, pai, irmão meu.

A dureza nada poupa

Uma família como a nossa sempre terá pouco, não conhecemos estirpe, nascemos pra míngua. Ouviam isso do velho desde sempre, desde que se conheciam por gente. Estavam fadados a viver com um único alqueire e com a junta de bois mansos, amansados para a canga, nem chicote mais se via, sem precisão. Deles os bois não haveriam de ser diferentes, amansados para o pouco da vida, sem relho do destino. Nilvo, o do meio, tinha boa cabeça, reclamar não era coisa que sabia muito. Sem boca pra nada, nas palavras do pai Adenor, perfeito se a lardeza para a lida não viesse casada. Não era da mesma sorte o caçula Vitinho. Raspa de tacho. Medo do escuro era lá uma das suas coisas menores. Esse piá é baldoso em quantia, curo no laço, bradava a mãe Zulmira que nem era assim de tão rígido trato,

mas é feio demonstrar estima em terra que não conhece abundância, sobretudo aos olhos do patriarca; bravura reluz mais em terra seca. O mais velho, Dorival, saía de casa muito cedo para forcejar nas fazendas vizinhas, trazendo ninharias aos finais de semana. Foi por dupla necessidade. Era o menos ajuizado, destoando da tradição de que são os primogênitos os mais atinados. Apanhado muito cedo a bebericar escondido a pinga e a tragar o palheiro do velho, fumo em corda picado a canivete nas frestas do galpão, para bom esconderijo. Astuteza nem era o pior. Matar a bicharada por leite é que passou a assustar o progenitor. Ruindade em quantia, nasceu assim o pobre, pobre de nós, lazarento. Foi-se para a labuta de fora também para não bichar os irmãos, verdade seja dita. Mau exemplo é o diabo atentando, pensava a mãe. Depois é que se soube que tudo piorou, porque os bois nunca engordam sem o olho do dono. Longe de casa, dado a avançar todos os limites, agarrou com força a cachaça e outros preparados ainda mais insalubres, esvaziando seus poucos ganhos e criando passivos com gente de pouca amizade. Vendera a alma ao tihoso? Causos assim apareceram, o povo fala um bocado, o sobrenatural solta a língua e aguça

o espírito. Era já um estorvo quando dava o ar da graça, com seus modos piorados, com sua índole ainda mais comprometida, desajeitado naquele rancho onde havia deitado fraldas sujas e sugado colostro. Tocado de casa no cabo da vassoura, por muito tempo se soube pouco dele, senão que já não tomava enxada ou arado. Não há como se saber do que vive, mas vive, resmungava o velho rente ao fogão de lenha a enrolar a palha que também recebia lambidas para dar grude. Não descarto que esteja a vender coisa proibida, só pode, fazendo mal em quantia. E assim seguia com resmungos levantando todo o tipo de suspeita, coisas que não se desejam nem ao pior dos sujeitos. Perdeu o amor pelo filho, foi isso o que se notou. Sobravam-lhe dois, contudo. E eram suficientes. A dureza da vida também cuida de endurecer o coração.



“...fadados a viver com um único alqueire e com a junta de bois mansos...”



LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Adobe Garamond
Pro pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen soft 80 g/m², em agosto de 2022.
